

## Os arquivos do poeta Roberto Piva: entre o privado & o público

Leonardo David de Moraes<sup>1</sup>

*Assim, a literatura saiu dos arquivos  
e os pesquisadores abriram os olhos  
para este espaço onde a obra  
do escritor torna-se obra de arte.*  
Louis Hay<sup>2</sup>

O INTERESSE ATUAL DE PARTE SIGNIFICATIVA DA ACADEMIA PELA CONSERVAÇÃO E ESTUDO DOS ARQUIVOS DE ARTISTAS E ESCRITORES vem crescendo de maneira incontestável ao longo das últimas décadas. Em continente europeu, por exemplo, acervos como o do escritor alemão Goethe, na Alemanha ou os dos franceses Marcel Proust e Victor Hugo têm despertado a atenção de pesquisadores não exatamente focados apenas na recepção das obras desses artífices já consagrados, mas nos elementos que podem ter ajudado na gênese e, sobretudo, na conservação desses constructos estéticos.

No contexto brasileiro, entidades privadas – por meio de fundações, institutos e correlatos – e instituições públicas – notadamente as universidades – têm dividido a manutenção e propiciado, não sem variados sobressaltos, o acesso a esse imenso *corpus*. Em que pese às dificuldades inerentes a tal campo de investigação – questões referentes a direitos autorais e/ou restrições impostas por herdeiros alegando motivos de foro íntimo estão entre as mais comuns –, os estudos críticos que voltam seu olhar para os elementos constituintes dos chamados arquivos literários vêm proporcionando o surgimento de novas visagens relativas à leitura e à recepção de obras inéditas.

Alguns desses acervos já estão disponíveis para consulta pública. O do poeta Haroldo de Campos encontra-se alocado na Casa das Rosas, em plena Avenida Paulista. Há também o múltiplo Acervo de Escritores Mineiros, situado em Belo Horizonte no campus da Universidade Federal de Minas Gerais e que colige uma série de arquivos importantes relativos a literatos nascidos ou criados entre as montanhas mineiras. Esse universo, que permite um trânsito instigante pelas instâncias do privado e do público, tem proporcionado a pesquisadores e aos interessados em geral um contato mais íntimo com os artistas, desvelando ao público leitor facetas bibliográficas normalmente ocultas ou ainda, desnudando processos criativos conforme observado. Nesse sentido, este trabalho visa oferecer algumas considerações sobre um desses arquivos, especificamente os relativos à obra do poeta brasileiro Roberto Piva.

Roberto Lopes Piva nasceu na cidade de São Paulo em 25 de setembro de 1937. Segundo palavras do próprio poeta no texto “Autobiografia”, que abre o livro *Antologia Poética*:

Nasci na maternidade Pró-Matre no coração de São Paulo [...]. Piva é um antigo nome do Veneto (Itália do Norte). Meu avô era de Saletto, perto de Rovigo. O Livro da Família, que tinha lá em casa, conta a história de um antepassado cavaleiro que combateu nas Cruzadas. Como o avô Cacciaguidda de Dante. Só que

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: [leodemorais@gmail.com](mailto:leodemorais@gmail.com)

<sup>2</sup> HAY, L. A literatura sai dos arquivos. In: *Arquivos literários*. Orgs. Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ao voltar das Cruzadas virou herético & começou a pregar a favor do Demônio. Por ordem do bispo local, foi queimado na praça pública com armadura & tudo. No momento, deve estar passando uma temporada na IX Bolgia do Inferno de Dante. Local destinado aos semeadores de discórdia. Os filhos fugiram da cidade & a descendência continuou. Mas em matéria de revolta eu não preciso de antepassados. A minha vida & poesia tem sido uma permanente insurreição contra todas as Ordens. Sou uma sensibilidade antiautoritária atuante. Prisões, desemprego permanente, epifanias, estudo das línguas, LSD, cogumelos sagrados, embalos, jazz, rock, paixões, delírios & todos os boys. O cinema holandês informará.<sup>3</sup>

O tom deste texto mostra um pouco da personalidade entusiástica do poeta e desvela uma postura inconformista que oscila entre o questionamento da ordem estabelecida e a conclamação para uma existência de caráter libertário. As múltiplas referências à história e à literatura associadas a sua 'autobiografia' nesse mesmo texto revelam um poeta que em certa medida intenta abolir, ou ao menos tornar difusas, as fronteiras entre o real e o imaginário.

Nesse sentido, Piva, por meio de uma persistente afirmação da indissociabilidade entre poesia e vida, pareceu levar a termo a construção de não apenas uma poética muito particular, mas também de uma experiência ética e estética que extrapola as páginas de seus livros suscitando reflexões sobre determinadas estruturas de poder que orientam um cotidiano tacanho ao qual o poeta sempre empreendeu crítica ferrenha.

Embora tenha nascido na capital paulista, Roberto Piva passou a primeira infância no interior do estado, entre as cidades de Brotas e Analândia, onde seus pais eram fazendeiros. No livro *Os dentes da memória*, das jornalistas Camila Hungria e Renata D'Elia, Piva, em um trecho das várias entrevistas que formam o volume, recorda esse período: "Antes de vir para São Paulo, eu não tinha acesso à literatura. Estudei no Mackenzie até os 15 anos porque meus pais eram fazendeiros [...] onde não havia ginásio. Então, eu ficava em São Paulo na pensão da Dona Dorinha e, nos finais de semana, voltava para a fazenda"<sup>4</sup>.

Interessante pontuar que apesar de não ter acesso à literatura dita 'formal' ou 'canônica' nesses anos iniciais, Roberto Piva teve acesso a outras manifestações culturais pouco ortodoxas, talvez decisivas não apenas para a formação da personalidade do jovem que logo no início da maioridade começou a se afirmar como um poeta talentoso, mas também na maneira como este viria a propor uma visão plástica de tons proféticos e alucinatórios do contexto em que atuava. De acordo com Piva em livro organizado pelo editor Sérgio Cohn e que reúne grande parte de suas entrevistas: "Eu sempre pratiquei e pesquisei o xamanismo, desde os 12 anos. Meu pai tinha fazenda em Analândia, perto de Rio Claro. Tinha um empregado mestiço de índio com negro, o Irineu. Ele me fazia ficar olhando para o fogo. E me iniciou na piromancia; as imagens e os espectros que saem do fogo"<sup>5</sup>.

Percebe-se desde a infância uma especial atenção do poeta para com as imagens, elemento fulcral à construção do projeto poético empreendido por Roberto Piva. Outras experiências não necessariamente literárias, mas que tangenciam em vários momentos essa modalidade artística aparentemente contribuíram para a formação *sui generis* do autor. Dentre elas, os quadrinhos e o cinema, conforme revela o próprio Piva em outra entrevista: "[...] a minha formação, costume dizer sempre, foi futebol, troca-troca, Hegel e as matas do interior de São

<sup>3</sup> PIVA, R. *Antologia poética*. São Paulo: Editora L&PM, 1985, p. 5.

<sup>4</sup> PIVA, R. *apud* D'ELIA, R; HUNGRIA, C. *Os dentes da memória*, São Paulo: Azougue Editorial, 2011, p. 12.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 13.

Paulo. E o gibi, que é uma coisa importantíssima. Antes não tinha televisão. [...] A maioria das pessoas matava o cinema para ir para a escola, eu matava aulas para ir pro cinema”<sup>6</sup>.

Tal expediente de substituir as aulas pelo cinema, assim como a menção aos quadrinhos – suporte no qual também há uma conjunção entre a palavra e a imagem – evidencia a importância dessas instâncias para a composição do referencial artístico e teórico. O poeta viria a se utilizar dessas linguagens alguns anos depois, quando já havia se estabelecido definitivamente na capital de São Paulo, onde começou a escrever seus primeiros poemas.

O interesse de Piva pela poesia começou a consolidar-se a partir de sua mudança com a família para uma casa na capital paulista. “Quando nos mudamos pra cidade é que passei a ler”<sup>7</sup>. Sobre os pais, o poeta se recorda: “De poesia eles não gostavam, não incentivavam e não tinham o menor interesse”<sup>8</sup>. Nesse período, entra em contato com os poetas Claudio Willer, Antonio Fernando de Franceschi e outros, que formariam nos anos seguintes a assim chamada “Geração 60” ou “Novíssimos. Ainda sobre as primeiras leituras e tentativas de escrita, em depoimento no mesmo livro, Piva recorda: “comecei a me interessar e ler poesia por uma questão de saúde, como dizia o Henri Michaux. Escrevia para minha saúde. ‘Na absoluta capacidade de inconformar-me’, já aos 19 ou 20 anos”<sup>9</sup>.

Por meio do editor Massao Ohno, em 1961 os primeiros poemas de Piva acabam sendo publicados junto aos de outros poetas jovens em um volume intitulado *Antologia dos Novíssimos*. Meses depois, já no ano de 1962, novamente o editor Massao Ohno convida o jovem poeta para publicar mais alguns textos poéticos por meio de sua editora. Desta vez, ao invés de alguns versos coligidos em uma antologia, um livro exclusivamente com poemas autorais. Conforme o próprio Piva: “[...] saí na *Antologia dos Novíssimos* e depois de dois anos tive a explosão do *Paranoia*, nas minhas leituras dos futuristas, dos surrealistas, Murilo Mendes, Jorge de Lima, a *beat*, as andanças, as orgias, as vivências e tudo isso”<sup>10</sup>.

Lançado em 1963, *Paranoia* acabou sendo publicado não apenas com os poemas de Roberto Piva. Foram acrescentadas fotografias tiradas pelo artista plástico Wesley Duke Lee, também responsável pela diagramação do livro. Segundo o próprio Piva:

Bom, esse livro eu escrevi em 1962 e fiquei com ele guardado até que Tomás Souto Corrêa, jornalista do Estadão, me apresentou para o Wesley Duke Lee, que tinha acabado de chegar de Paris e de Nova York [...]. Ele ficou entusiasmadíssimo com a poesia, gostou demais, entrou em transe. E saiu por São Paulo fotografando a cidade a partir dos poemas.<sup>11</sup>

O trabalho passou despercebido pela crítica, mas fez relativo sucesso de público segundo o próprio autor: “*Paranoia* esgotou em duas semanas e, desde então, ficou como um mito, parado no ar”<sup>12</sup>. Sobre a repercussão de *Paranoia*<sup>13</sup>, seu editor, Massao Ohno, também teceu alguns comentários em entrevista no livro *Os dentes da memória*:

<sup>6</sup> PIVA, R. *apud* COHN, S. *Roberto Piva*, São Paulo: Beco do Azougue, 2011, p. 166.

<sup>7</sup> PIVA, R. *apud* D’ELIA, R; HUNGRIA, C. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>11</sup> PIVA, R. *apud* COHN, S. *Op. cit.*, p. 56.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 120.

<sup>13</sup> Segundo Claudio Willer, o livro *Paranoia* chegou às mãos dos surrealistas franceses ainda em meados da década de 1960 e ganhou uma resenha entusiasmada na revista dirigida por André Bretón. No número 8 da

Eu já supunha que o livro fosse causar alguma celeuma, algum estardalhaço, mas nem tanto. Um ou dois anos antes eu havia lançado três livros de Hilda Hilst que não tiveram a mesma repercussão do *Paranoia*, e no entanto, são livros de altíssimo nível. Não há uma regra que determine que tal livro vai fazer sucesso. O *Paranoia* fez.<sup>14</sup>

No livro *Paranoia*, segundo o poeta e crítico Claudio Willer em posfácio escrito para o primeiro volume da reedição da obra completa de Piva, o autor “alcança sua identidade literária com uma escrita livre, ignorando qualquer restrição lógica ou vocabular”<sup>15</sup>. Ainda segundo Willer, a poesia de *Paranoia* é uma “poesia de afirmação vital e também da negação”, que “não apenas proclama a rebelião, mas quer ir além, destruindo simbolicamente o mundo”<sup>16</sup>.

Em 1964, Roberto Piva publica, na estreira de *Paranoia* e ainda pela editora de Massao Ohno, os poemas que compõem o livro *Piazzas*. Novamente de acordo com Claudio Willer, que teve seu primeiro livro, *Anotações para um apocalipse*, editado e publicado em 1964 também por Massao Ohno: “Entre *Piazzas* e *Paranoia* há relações de continuidade, e também de complementaridade”<sup>17</sup>. Isso já revela a intenção de construção de um projeto poético por parte do autor. Projeto que foi levado a cabo, ao longo dos anos, entre longos intervalos e intensos surtos criativos.

Após a publicação desses dois livros iniciais, Piva passou por um primeiro hiato de doze anos. Em 1976, ele retornou à cena literária com os poemas do livro *Abra os olhos e diga Ah!*, mais uma vez por meio de Massao Ohno. Segundo Willer, se “comparado à *Paranóia*, vê-se, em *Abra os olhos e diga Ah!*, um distanciamento maior das referências urbanas diretas, da nomeação de lugares de São Paulo. A cidade deixa de ser tema”<sup>18</sup>. Tal posicionamento foi intensificado depois na última fase da poética de Piva<sup>19</sup>.

Em 1979, desta vez pela editora Feira de Poesia, Piva retorna com seu livro *Coxas*. Diferente dos livros anteriores, os poemas em prosa de *Coxas* apresentam um viés narrativo, mas sem perder a característica imagética e transgressora que permeia toda a obra do poeta: “Se em

---

revista *La Brèche*, de novembro de 1965, o artigo “*Le surréalisme à Sao Paulo*” traz, além das observações acerca do livro de estreia de Roberto Piva, considerações sobre o livro *Amore*, de Sérgio Lima, e sobre o livro de estreia do próprio Claudio Willer intitulado *Anotações para um apocalipse*, de 1964, ano que Piva também lançou seu livro *Piazzas* pela editora de Massao Ohno. In: WILLER, C. A famosa resenha em la breche. Disponível em: <<https://claudiowiller.wordpress.com/2014/10/30/a-famosa-resenha-em-la-breche-action-surrealiste/>>. Acesso: 30 nov 2015.

<sup>14</sup> OHNO, M. *apud* D’ELIA, R.; HUNGRIA, C. Op. cit., p. 58.

<sup>15</sup> WILLER, C. *apud* PIVA, R. Uma introdução à leitura de Roberto Piva. In: *Um estrangeiro na legião*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2005, p. 150.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 150.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 157.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 157.

<sup>19</sup> De acordo com o professor e crítico Alcir Pécora, organizador das obras reunidas do autor, editadas pela Editora Globo, a poesia de Piva se divide em três fases: a primeira, que envolve os poemas produzidos na primeira metade da década de 60, de viés *beat* e surrealista (publicada no volume *Um estrangeiro na legião*, em 2006); a segunda, que deu-se entre a segunda metade da década de 70 e os anos iniciais da década de 1980, e leva traços psicodélicos somados a uma intensa erotização (publicada no livro *Malas na mão & asas pretas*, em 2006); a terceira, já no final da década de 1990 até os últimos anos da primeira década dos anos 2000, de características ecológicas e místicas (publicada no volume intitulado *Estranhos sinais de Saturno*, em 2008).

Piazzas havia contemplação, em *Coxas* há ação”<sup>20</sup>, conforme observou Claudio Willer em um belo estudo sobre a poética piviana que está presente no primeiro volume da edição da obra completa de Piva.

Em *20 poemas com Brócoli*, editado por Massao Ohno em 1981, Roberto Piva apresenta uma série de poemas com extensão mais curta, regido pela “concisão e condensação”. Ainda segundo Willer, é o seu livro mais “ordenado”<sup>21</sup>. Neste livro, também salienta o poeta e crítico, afloram os estudos da *Divina Comédia* de Dante Alighieri feitos por Piva ainda nos anos da década de 1960 com Edoardo Bizzarri, pesquisador e tradutor de Guimarães Rosa para o idioma italiano.

Como numa espécie de contraponto radical à organização do livro anterior, Piva lança em 1983, pela editora Global, *Quizumba*, considerado o mais hermético de seus livros. De acordo com Willer, “*Quizumba* é sua obra mais caótica e ensandecida”<sup>22</sup>. Mais uma vez, de acordo com Willer, “os dois planos, o real imediato e o simbólico, são rebatidos ou projetados um no outro, procurando tornar poético o real, carregando-o de simbolismo, e realizar o poético”<sup>23</sup>.

Após outro considerável hiato, Roberto Piva ressurgiu quatorze anos depois com os poemas de *Ciclones* em 1997, editados pela Editora Nankin. Com poemas curtos, que muitas vezes se assemelham ao haicai japonês, Piva abandona a “cidade sucata”, conforme verso de um dos poemas do livro, para eleger a natureza, o erótico e o sagrado como temas dos versos. As referências geográficas retornam dessa vez associadas aos espaços representados pela natureza, mais uma contraposição àquela visada sobre o espaço urbano, empreendida pelo poeta nos seus primeiros livros.

No ano de 2008, no terceiro e último volume de suas obras completas, lançadas pela Editora Globo, vem à luz o último inédito livro de Roberto Piva em vida. Intitulado *Estranhos sinais de Saturno*, o livro traz poemas que mantém a temática anterior do livro *Ciclones*, cujos poemas também foram coligidos neste mesmo volume. A natureza, o erótico e o sagrado se somam aos ‘discos voadores’ tematizando os versos pivianos.

Dois anos depois, no dia 3 de julho de 2010, o poeta Roberto Piva morria aos 73 anos. O corpo, segundo desejo do próprio autor, foi cremado. Na cerimônia presenciada pelos amigos mais próximos, de acordo com as jornalistas Renata D’Elia e Camila Hungria, “um imenso gavião carregou um pássaro morto no bico e sobrevoou o Crematório da Vila Alpina, onde se deu a cerimônia”<sup>24</sup>. O gavião era considerado pelo próprio Piva, de acordo com vários de seus poemas, manifestos e entrevistas, o seu animal totêmico, a imagem de seu duplo na natureza, segundo as crenças xamânicas que ele cultivou ao longo da sua vida.

Antes que se passe efetivamente à descrição e à brevíssima análise do *corpus* sugerido, – os arquivos do poeta Roberto Piva – um *corpus* em franco processo de atualização e de transformação, segundo será esclarecido adiante, cabe definir qual exatamente o conceito de arquivo a ser utilizado como referência desta investigação. Jacques Derrida, no ensaio *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, evocando os conceitos de “inconsciente” e de “pulsão de morte” – a partir das investigações do psicanalista Sigmund Freud –, oferece uma problematização sobre o conceito de “arquivo”. Para tal, ele parte da própria palavra “arquivo”,

<sup>20</sup> WILLER, C. *apud* PIVA, R. *Op. cit.*, p. 163.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 177.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 177.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 177.

análoga ao vocábulo grego *arkhê* que, segundo o filósofo, “designa ao mesmo tempo o começo e o comando”<sup>25</sup>.

A partir desse dado infere-se que ao arquivo pode ser imputado certo caráter de autoridade, uma vez que opera alimentado por duas linhas de força – “começo” e “comando”. Tais linhas convergem no sentido de controlar, de legitimar algo em um dado contexto cultural. Sob essa perspectiva, a existência dos arquivos literários – e, por conseguinte dos arquivos pivialos – não deixa de ser uma autorização. É uma legitimação da obra de seus autores ou, ainda, um reconhecimento dessas materializações ademais de sua filiação a uma determinada tradição.

Segundo o filósofo, o arquivo,

Como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo arquivante determina também a estrutura do conteúdo arquivável em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. É também nossa experiência política dos meios chamados de informação.<sup>26</sup>

Derrida chama a atenção para o fato de o arquivo não se circunscrever ou se submeter unicamente a sua constituição física ou ao local topográfico onde é instituído. Para o autor, o arquivo pode ser apreendido também sob a perspectiva mais ampla, associada ao contexto sócio-histórico de sua época. O ato de arquivar, assim como o próprio arquivo, permitiria o aparecimento desse último e também ofereceria a possibilidade de um vislumbre, de uma manutenção e possível ressignificação relativa às obras arquivadas, as quais normalmente se julgam fechadas ou terminadas com a morte de seus autores.

A professora e pesquisadora Eneida Maria de Souza assinala também a importância do arquivo como parte importante da obra dos artistas. Segundo Souza, por meio da criação dos arquivos literários, o artista acaba por “se tornar conhecido no seu cotidiano literário e de homem comum pelos leitores do futuro, ao lado de sua obra”<sup>27</sup>. Para refletir sobre isso se faz necessário apresentar alguns esclarecimentos sobre os arquivos do poeta Roberto Piva.

Em 2006, quatro anos antes de sua morte, Piva, que viveu praticamente toda a vida na cidade de São Paulo, conforme observado, negociou parte de seu arquivo pessoal – naquele momento alocado no próprio apartamento do poeta, no bairro de Santa Cecília, constituído por livros, manuscritos, datiloscritos, cartas, bilhetes, fotografias, recortes de jornais e afins – com o Instituto Moreira Salles. Após alguns meses de organização e catalogação, esse acervo parcial foi disponibilizado para a consulta em uma das unidades da instituição, situada na cidade do Rio de Janeiro. Segundo informações disponíveis no site do próprio IMS-RJ, esse acervo

É formado de biblioteca de apenas quatro exemplares dos livros: o raro *Coxas*, de 1979, e *20 poemas com brócoli*, de 1981, e 44 periódicos; e de arquivo com aproximadamente: produção intelectual contendo 90 documentos, entre os quais

<sup>25</sup> DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 11.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>27</sup> SOUZA, E. A Biografia, um bem de arquivo. *Alea. Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, vol. 10, n.1 – jan-jun, p, 121-129, 2008. p. 126.

cadernos com informações pessoais, notas de viagem, ideias para poemas e fragmentos de versos ou mesmo poemas integrais, datiloscrito do livro inédito *Corações de hot-dog*, manuscritos avulsos, correspondência com 52 itens, dez documentos pessoais, além de material de divulgação de eventos culturais, 170 recortes de jornais e de revistas com fortuna crítica sobre o autor e sobre literatura gay, geração beat, entre outros assuntos, 13 fotografias e impresso inédito com breve autobiografia de Piva.<sup>28</sup>

Interessante notar que, naquele momento, o autor não se desfez de quase nada da sua biblioteca pessoal, conforme será confirmado mais adiante. Por outro lado, um material documental e autoral valioso foi disponibilizado conforme a descrição, inclusive, não um, mas dois livros ainda inéditos do poeta. Os volumes ainda inéditos foram intitulados como *Corações de Hot-dog* e *Out-doors* segundo referido na tese da pesquisadora Ibriela Sevilla<sup>29</sup>. Nesse sentido, pode ser dito que Piva foi uma espécie de “anarquista”<sup>30</sup>, segundo proposto pelo pesquisador Reinaldo Marques já que, por necessidades financeiras, teve que se desfazer de uma parte do seu acervo pessoal, alterando sua configuração conseqüentemente. Com essa atitude, entende-se que Piva empreendeu, ainda na esteira das reflexões de Marques sobre os arquivos literários, movimentos de “desterritorialização” e “reterritorialização”, oriundos dos conceitos filosóficos desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari<sup>31</sup> – que nesta perspectiva está relacionada ao próprio arquivo piviano, à sua própria obra. Ao realocar parte de seu acervo pessoal, originada de seu arquivo pessoal, privado, o poeta “desterritorializa” parte de sua obra para “reterritorializá-la” em uma instância que permite o acesso do grande público. Sob essa perspectiva, ao

migrarem os arquivos pessoais dos escritores e das escritoras – com suas bibliotecas, fundos documentais, e coleções – de suas casas e escritórios para as instituições de guarda, operam-se complexos processos de desterritorialização e reterritorialização que afetam substancialmente esses arquivos em termos espaciais, organizacionais, simbólicos e conceituais.<sup>32</sup>

Com a morte do poeta, a outra parte do arquivo que ainda permanecia sob seu controle – e que passou a ser administrado pelo herdeiro legal Gustavo Benini junto a uma curadoria composta por amigos poetas/críticos do círculo íntimo do autor<sup>33</sup> – passa por novo processo de “des/reterritorialização” ao começar a ter sua disponibilização arquitetada no intuito de

---

<sup>28</sup> KOLYNIK, G. A Biblioteca Roberto Piva. Disponível em: <<https://ims.com.br/titular-colecao/roberto-piva/>>. Acesso em: 30 de Nov. 2017.

<sup>29</sup> SEVILLA, I. *Todos os pivetes têm o meu nome: imagens da subjetividade nos arquivos de Roberto Piva*. 2015. 356 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015, p. 13.

<sup>30</sup> MARQUES, R. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 67. Ainda segundo o autor: “No arquivo literário, o pesquisador deve atuar como um anarquista, combinação paradoxal de arquivista anarquista, ciente de que toda ordem é em alguma medida arbitrária, convencional, de que o documento é também uma montagem, ao mesmo tempo verdade e mentira, e de que são seus usos pelo poder que o transformam em monumento”.

<sup>31</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tomo II. São Paulo: Editora 34, 1998.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>33</sup> Esse grupo é constituído por Gustavo Benini, Claudio Willer, Roberto Bicelli, Gabriel Kolyniak, dentre outros.

viabilizar o acesso efetivo desse precioso acervo a leitores e pesquisadores interessados. O projeto – intitulado Biblioteca Roberto Piva – desde então vem se mantendo com a captação de recursos financeiros por meio de campanhas de financiamento coletivo na internet. Tal ação vem permitindo, ainda que de maneira precária, que os livros e demais elementos constituintes desse arquivo piviano possam ser mínima e satisfatoriamente acomodados para consulta.

Conforme apresenta o site da biblioteca,

O acervo deixado pelo poeta paulista Roberto Piva após sua morte conta com cerca de 6.000 títulos, com predomínio de livros de poesia (destaque para edições estrangeiras de poetas das vanguardas do século XX e *beatniks*, algumas bastante raras), que convivem com obras sobre antropologia, etnografia, artes plásticas, ocultismo etc. Além de contar com inúmeras edições dificilmente encontradas, um dos grandes valores do acervo é ter sido formado a partir do olhar e dos interesses de Roberto Piva, cuja curiosidade intelectual e disposição de partilhá-la o tornavam em uma “antena” da poesia mundial.<sup>34</sup>

Além dos já mencionados cerca de 6.000 títulos – parte importantíssima do acervo do poeta, uma vez que as referências literárias se apresentam como uma das linhas de força da poética piviana conforme observado por estudiosos da sua obra –, há também uma caixa com cerca de trinta cadernos<sup>35</sup> com textos ainda inéditos de Piva. Uma das intenções do projeto Biblioteca Roberto Piva é a de editar parte desse material, o que possibilitaria não somente a captação de recursos para ajudar na manutenção do próprio projeto, mas, principalmente, continuaria proporcionando a circulação da obra do poeta. Uma vez mais, entreveem-se movimentos de “desterritorialização” e “reterritorialização” dos elementos que constituem os arquivos pivianos. Só que, desta vez, tais movimentos aparentemente estão sendo provocados e alimentados por agentes – editores, curadores, críticos – que não participaram direta ou efetivamente da constituição inicial do acervo do poeta e que já se encontram, do ponto de vista cronológico, em tempo posterior ao da constituição da obra, mas não ao da formação do arquivo, que continua em franco processo de formação.

Abrindo um rápido parêntesis para falar dos desdobramentos efetivos do acesso e divulgação desse último arquivo piviano: até o momento em que este trabalho foi submetido à publicação, três livros com escritos inéditos de Piva – advindos do espólio formado após sua morte – foram editados e publicados pelo curador e editor Gabriel Kolyaniak através da Editora Córrego, de São Paulo: *Antropofagias e outros escritos* e *Carta aos alunos*, em 2016, e *Poesia & delírio*, já em 2017. O primeiro deles traz uma reunião de poemas e pequenos ensaios do poeta escritos entre os anos das décadas de 1970 e 1980. Os dois últimos são textos com teor epistolar e

---

<sup>34</sup>KOLYNIK, G. Op. cit.

<sup>35</sup>Eis oito dos trinta cadernos segundo levantamento feito por Ibriela Sevilla: Caderno A: Neon. Arquivo Privado. São Paulo, 1985. Caderno B: Cerra da desordem (Maranhão). Arquivo privado. São Paulo, s.d.; Caderno C: Incipit: “uma porta se [...]”; Excipit: “[...] transformada em bicho-preguiça”. Arquivo privado. São Paulo, s.d.; Caderno D: Incipit: “Rumo a Cambuci [...]”; Excipit: “[...] aparelhada para isso”. Arquivo privado. São Paulo, 1980; Caderno E: Incipit: “Barbara Wand [...]”, Excipit: “[...] procura do relâmpago”. Arquivo privado. São Paulo, s.d.; Caderno F: (Manuscrito do Piazzas) Incipit: “No pequeno jardim [...]”, Excipit: “[...] um profeta peristáltico”. Arquivo privado. São Paulo, s. d.; Caderno G: Tarde no meio da boca. Arquivo privado. São Paulo, s. d.; Caderno H: São Paulo: Flôr & memória. Arquivo privado. São Paulo, 1984 – 1986.

ensaístico respectivamente, nunca publicados em livros e produzidos no mesmo período mencionado.

Voltando aos arquivos literários de Roberto Piva: acomodado em uma sala no 4º andar de um prédio com arquitetura neoclássica, incrustado na Av. São João, no coração da capital paulista, essa parte do acervo do autor, agora materializado sob o nome de Biblioteca Roberto Piva, tem sido frequentado nos últimos meses por vários pesquisadores da obra do poeta. Ademais, alguns interessados formaram um grupo de estudos dirigido sem viés escolástico e que se reúne semanalmente, às terças-feiras, conduzido por um dos “arcontes” do arquivo de Piva, o editor e poeta Gabriel Kolyniak. Segundo o mesmo,

Formatar a Biblioteca Roberto Piva como uma estrutura autônoma, amparada por um solo frágil, foi uma decisão que nos forçou à viabilização do espaço. Construimos estantes, pedimos dinheiro para meio mundo, vendemos livros, fomos fortalecidos pelo trabalho e por doações de colaboradores, tudo para dar lugar a um ambiente de interlocução e escrita. O propósito dessa atividade vincula-se à educação na sociedade, mas em processos que dispensam os ritos de avaliação que caracterizam a escola e a universidade. Esses ritos estão ligados ao objetivo de certificação da habilitação dos graduados ao exercício de profissões articuladas a seu campo de saber. Nós, no entanto, não queremos diplomar ninguém.<sup>36</sup>

Interessante pensar que, assim conforme apontado por Derrida<sup>37</sup>, o arquivo, nesse caso o arquivo do poeta coligido na Biblioteca Roberto Piva, não admitiria, apesar de ser uma estrutura “arquivável”, estar totalmente submetido a uma lógica “arquivante” tradicional. Outras estratégias que se apresentam como alternativas às normalmente oferecidas por financiamento estatal, como a captação de recursos por meio de campanha pela web ou mesmo a promoção de leituras públicas de obras raras pertencentes ao acervo em questão, revelam e confrontam dois tipos de arquivo – o privado e o público –, constructos feitos de matérias e velocidades que se correlacionam inequivocamente, ambos oriundos de uma base comum: os livros e escritos de Piva.

A insubordinação e a crítica às instituições ditas oficiais – inclusive em relação à academia e que se apresentam como marcas perceptíveis na poética piviana – podem ser percebidas a partir desse *modus operandi* na gestão dessa parte do arquivo alocado em São Paulo. Arquivo que aparentemente rejeita, por um lado, estar sob uma autoridade oficial, estatal. Por outro, nega-se a promover qualquer espécie de normatização conforme salientado pelo curador do projeto, Gabriel Kolyniak. Tal perspectiva de administração, de “economia do arquivo” no sentido derridiano, aparentemente, tem sido levada a termo por Kolyniak e um grupo de agentes que foi próximo à Piva segundo já observado. Grupo esse que conhecia de forma mais profunda a vida e obra do poeta e que corroboraria com as suas orientações estéticas e ideológicas sendo, supostamente, aplicadas a sua obra.

Sob a visada de Derrida, desvela-se em relação aos arquivos que constituem a Biblioteca Roberto Piva uma espécie de negação a qualquer condição “nomológica” que esteja estritamente vinculada à regulamentação, ao domínio, ao controle. Se tal condição “nomológica” parece orientar, por exemplo, a constituição de uma parte do acervo de Piva – exatamente aquele que está reunido no IMS no Rio de Janeiro e que foi catalogado e organizado de acordo com

---

<sup>36</sup> KOLYNIK, G. Op. cit.

<sup>37</sup> DERRIDA, J. Op. cit., p. 29.

metodologias comprovadas e estabilizadas –, pode ser dito que a re/construção e promoção do acervo piviano plasmado na Biblioteca Roberto Piva apresentam-se imbuídos de um caráter “antinomológico”.

Entreve-se também nesses movimentos constituintes de formação e manutenção dos arquivos algo da condição “topológica”, associada à ideia de um espaço delimitado não apenas fisicamente, mas gerido ideologicamente<sup>38</sup>. Se por um lado o acervo de Piva que se encontra no IMS-RJ está formalmente submetido às regras aplicadas a esse tipo de arquivo nas mais respeitadas bibliotecas e museus do mundo, por outro lado, o arquivo constituinte do acervo da Biblioteca Roberto Piva também possui suas próprias regras, ainda que diversas às de uma instituição oficial como as que orientam o Instituto Moreira Salles e bastante próximas ao espírito anárquico próprio da poética piviana.

Perseguindo um pouco mais esse último rastro advindo das ponderações do pensador de origem argelina, mas chegando ao encerramento dessas considerações sobre essa materialização da obra de Roberto Piva por conta do caráter de brevidade a que este texto deve ser submetido: da perspectiva “topológica” e “nomológica”, os arquivos de Piva situam-se em uma zona difusa entre o público e o privado. Encerram uma dimensão pública porque ambas as materializações, o acervo do IMS-RJ e o acervo da Biblioteca Roberto Piva, encontram-se disponíveis e acessíveis ao público em geral, observadas as respectivas regulamentações referentes a tais espaços. E, conforme observado, continuam submetidos à condição “nomológica” assinalada por Derrida já que o acesso dos interessados, em ambas as instituições, é mediado por meio de injunções advindas da dimensão do privado, aqui, entendido no sentido de oposição ao que é público e/ou gerido pelo Estado.

Para Derrida todo arquivo é ao mesmo tempo “instituidor e conservador”, “revolucionário e tradicional”<sup>39</sup>. A partir dessa lógica e no sentido de tudo o que foi neste texto rapidamente observado, pode ser concluído que os arquivos do poeta Roberto Piva se encontram plasmados tanto a partir de perspectivas mais conservadoras quanto materializados sob a ótica de abordagens menos convencionais. O arquivo do Instituto Moreira Salles é um exemplo clássico de como os arquivos de um autor, ou parte deles, chega ao público a partir das negociações entre um poeta que nunca foi um *best-seller* no circuito de vendas e uma instituição reconhecida no mercado. Já as estratégias aplicadas à Biblioteca Roberto Piva suscitam algo de revolucionário no sentido de fazer notar uma recusa, uma insubmissão ao *status quo* do circuito, buscando a sobrevivência do projeto por meio de outras fontes e permitindo em consequência certa liberdade no tocante às questões burocráticas apesar de a “sombra nomológica” nunca deixar de pairar sobre esses construtos.

Paradoxais e contraditórios, os arquivos de Roberto Piva – linhas de força que alimentaram uma poética não menos multifacetada – tensionam as fronteiras entre o privado e o público, entre o velho e o novo, entre o passado e o presente, sem deixar de se referir, de apontar em direção a um futuro, outra das características do arquivo segundo Derrida. O futuro desses arquivos – que certamente lançará novas luzes sobre a poesia de Piva – só poderá ser construído efetivamente a partir da colaboração entre todos seus personagens: arcontes, pesquisadores e leitores.

---

<sup>38</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 17.

*Referências bibliográficas*

- COHN, Sérgio. (Org.). *Roberto Piva*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tomo II. São Paulo: Editora 34, 1998.
- D'ELIA, Renata. HUNGRIA, Camila. *Os dentes da memória*. São Paulo: Azougue Editorial, 2011.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- HAY, Louis. A literatura sai dos arquivos. In: *Arquivos literários*. Orgs. Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- KOLYNIAC, Gabriel. Biblioteca Roberto Piva. Disponível em: <https://bibliotecarobertopiva.wordpress.com/>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- \_\_\_\_\_. Liberdade intelectual e criação poética. *Jornal Pororoca*. São Paulo, n. 1: Biblioteca Roberto Piva, maio-jun. 2017.
- MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- PIVA, Roberto. *Antologia poética*. São Paulo: Editora L&PM, 1985.
- SEVILLA, Ibríela Bianca Berlanda. *Todos os pivetes têm o meu nome: imagens da subjetividade nos arquivos de Roberto Piva*. 2015. 356 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- SOUZA, Eneida Maria. A Biografia, um bem de arquivo. *Alea. Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, vol. 10, n.1 – jan-jun, p. 121-129, 2008.
- WILLER, Cláudio. Uma introdução à leitura de Roberto Piva. In: PIVA, Roberto. *Um estrangeiro na legião*. Obras reunidas vol. 1. São Paulo: Globo, 2005.
- \_\_\_\_\_. A famosa resenha em la breche. Disponível em: <https://claudiowiller.wordpress.com/2014/10/30/a-famosa-resenha-em-la-breche-action-surrealiste/>. Acesso: 30 nov 2015.

*Recebido em: 28 de janeiro de 2018.*

*Aceito em: 19 de outubro de 2018.*